

Tango: atração e relutância

Tango: attraction and reluctance

Tango: atracción y reluctancia

ESTER BUFFA¹

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS, UFSCAR, SÃO CARLOS-SP, BRASIL

RESUMO

Neste ensaio², a autora escreve sobre os prazeres que sente quando dança, especialmente, tango. Organizou o texto em duas partes. Na primeira, trata de algumas concepções divergentes de se encarar o corpo e a alma ou mente, considerando-os nos seus aspectos de conservação e transgressão. Para tanto, partiu das concepções gregas sobre corpo e alma, mencionou o filósofo R. Descartes, recorreu ao também filósofo B. Espinosa, principalmente quando trata das afecções, isto é, das ações e paixões da alma e do corpo. Comentou, ainda, N. Bonder que também se preocupou com estas questões, seguindo os traços de Espinosa. Na segunda parte, dá asas à sua subjetividade mostrando os prazeres que sente ao dançar tango.

Palavras-chave: Corpo. Dança. Tango.

ABSTRACT

In this essay, the author writes about the pleasures she feels when she dances, especially tango. She organized the text in two parts. In the first, it deals with some divergent conceptions of facing the body and the soul or mind, considering them in their aspects of conservation and transgression. For that, he started from the Greek conceptions about body and soul, mentioned the philosopher R. Descartes, he also resorted to the philosopher B. Espinosa, mainly when he deals with the affections, that is, the actions and passions of the soul and the body. The intellectual N. Bonder also commented that he was also concerned with these issues, following Espinosa's traits. In the second, she gives vent to his subjectivity, showing the pleasures she feels when dancing tango.

Keywords: Body. Dance. Tango.

RESUMEN

En este ensayo, la autora escribe sobre los placeres que siente cuando baila, especialmente el tango. Organizó el texto en dos partes. En el primero, trata con algunas concepciones divergentes de enfrentar el cuerpo y el alma o la mente, considerándolas en sus aspectos de conservación y transgresión. Para eso partió de las concepciones griegas sobre el cuerpo y el alma, mencionó el filósofo R. Descartes, también recurrió al filósofo B. Espinosa, principalmente cuando se trata de los afectos, es decir, las acciones y pasiones del alma y del cuerpo. El intelectual N. Bonder también comentó que a él también le preocupaban estos temas, siguiendo los rasgos de Espinosa. En el segundo, da alas a su subjetividad mostrando los placeres que siente al bailar tango.

Palabras clave: Cuerpo. Danza. Tango.

¹ Professora titular aposentada da UFSCar. Professora associada do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar. É assessora ad hoc do CNPq, CAPES, INEP e FAPESP. E-mail: ester@ufscar.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3411-2102>.

² Uma versão preliminar deste ensaio foi publicada na revista Dialogia (BUFFA, 2011).

UM

Se vida é movimento, a dança o é mais ainda. O corpo se movimenta por inteiro e por partes. Há movimentos fortes e rápidos. Também os há suaves e pausados. É uma arte executá-los ao ritmo da música com leveza, precisão e criatividade. A dança exige muita técnica que, no fundo, é a consciência do próprio corpo. Os bons professores de dança preocupam-se em desenvolver, nos aprendizes, a consciência corporal. Além de exigir técnica, a dança desperta sensações e sentimentos que conduzem ao prazer físico e emocional. Estes são a alma da dança e comovem tanto os dançarinos como a plateia de um espetáculo notável de dança clássica ou o observador de um modesto par dançando um bolero no salão.

O corpo tem muitas formas de expressar-se. Por meio de gestos, expressões, olhares fala de várias coisas. Revela seu estado, saudável ou não, pelo carinho ou desleixo com que é tratado. Manifesta emoções como tédio, indiferença, desgosto, tristeza, bem estar, alegria, amor.

Por ser considerado a fonte dos prazeres, o corpo, no espaço-tempo em que vivem os humanos, foi, inúmeras vezes, tido por pecaminoso e, por isto mesmo, deveria ser dominado, por meio de severa disciplina que poderia incluir castigos e martírios. Pensemos no ascetismo, doutrina moral que desvaloriza os aspectos corpóreos e sensíveis do ser humano. Prega a disciplina e o autocontrole estritos do corpo, a abstenção do conforto material e dos prazeres, em busca do aperfeiçoamento espiritual. Assim, uma das funções da alma seria a de disciplinar, reprimir este corpo indócil. Porém, houve momentos na história em que, ao contrário, o corpo foi exaltado – lembremos o *mens sana in corpore sano* – bem cuidado, massageado, revelando músculos vigorosos, elegante e belo tal qual David esculpido por Michelangelo, que não me canso de admirar.

Em geral, sociedades abertas incentivam o desenvolvimento do ser e, por consequência, da filosofia, das artes, das liberdades. Por sua vez, as sociedades autoritárias são disciplinadoras, no pior sentido da palavra. Esmeram-se em imprimir dicotomia em corpos e mentes para que estes, ideologicamente docilizados, sucumbam a serviço da Pátria (por exemplo, o Governo Fascista de Mussolini ou o Nazista de Hitler), do Estado (como durante a guerra fria entre EUA e URSS), de Deus (conforme propunha a Igreja Católica durante a Idade Média: a mortificação dos corpos – carne – para elevação da alma, incluindo autoflagelo; também algumas religiões evangélicas neopentecostais que proíbem a dança por considerarem-na sensual e pecaminosa).

Assim, foi-nos ensinado que tudo o que diz respeito ao corpo requer, no mínimo, cuidado o que, por estar na esfera da cultura, varia no tempo, no espaço e depende também do pertencimento social: não exagerar em sua exibição, cuidar da higiene, da aparência, ter postura e gestos apropriados, melhor ainda se discretos e elegantes, são atitudes valorizadas. É fato que, nos dias atuais, vigora também uma estética diversa em certos grupos sociais: cabelos verdes ou azuis, contorno dos olhos coloridos de amarelo e tantas tatuagens que transformam o corpo num peculiar *outdoor* de marcas. Tal estética demarca grupos sociais, suas posturas e suas mensagens à sociedade.

Não por casualidade,

[...] os livros de educação moral e os manuais de etiqueta [...] [- lembremos que etiqueta significa pequena ética – contém um capítulo dedicado ao corpo]. Penso agora, em especial, no livro de Erasmo [1469-1536] de Rotterdam intitulado *A civilidade pueril*, escrito em 1530, que trata do comportamento das pessoas em sociedade e do decoro corporal. [Esta] obra tornou-se uma referência [fundamental] para a educação das crianças e

jovens. Assim, já no primeiro capítulo, denominado “Atitudes corretas e incorretas”, Erasmo trata da decência e da indecência na apresentação, do uso do corpo: olhos, sobrancelhas, fronte, nariz, espirro, rosto, lábios, bocejo, riso, cuspir, tossir, vômito, dentes, boca, cabelo, busto, pescoço, ombros, braços, partes pudendas, urina, flatulência, pernas, genuflexão, passo (caminhar), pés, mãos. Nos outros capítulos, Erasmo trata da elegância dos trajes, de como se portar na Igreja, [nos] banquetes e [às] refeições (comportamento que se deve ter à mesa, uso dos talheres e copos e a proibição de limpar boca e nariz nas mangas do vestuário), dos encontros e conversas, dos esportes e, por fim, do comportamento no leito. Baseado, sem dúvida, em costumes oralmente transmitidos por gerações, Erasmo propôs um tratado de boas maneiras, de civilidade, isto é, de como viver na cidade com muitas outras pessoas sendo [educado e cortês], na época de transição da Idade Média para a modernidade, em que se defrontam diferentes [comportamentos e valores] (BUFFA, 2011, p. 14-15).

Lembremos que cidadão, civil, civilidade são palavras que têm a mesma origem e se referem à vida na cidade. Tanto a ética quanto as etiquetas só existem porque vivemos em sociedade, elas dizem respeito às relações humanas.

É certo que o corpo – esta máquina complexa e frágil – sofre de variadas insuficiências que ocasionam doenças e que um dia, acaba. Doenças exigem exames e tratamentos muitas vezes difíceis de suportar. Claro que o melhor é prevenir-se e, neste caso, os sacrifícios também não são poucos: dietas rigorosas, exercícios, conduta equilibrada. Atualmente, há um considerável conhecimento científico-tecnológico que possibilitou todo um arsenal de equipamentos, cosméticos e profissionais para se conseguir um corpo saudável, belo, exercitado e, assim, valorizado, ao menos, pelo seu próprio dono.

Sintetizando, tudo se passa como se o corpo fosse a parte vil dos seres humanos, eternamente insatisfeito, com desejos e necessidades, nem sempre realizáveis, mas que o movimentam em direção à sua satisfação. O corpo é o desassossego, sempre quer mais, nunca é totalmente saciado. À alma, na compreensão decorrente, em especial, da herança católica da Idade Média e ainda vigente em nossos dias, sua prisioneira, cabe refrear esse corpo insaciável, pelo seu discernimento, valores, temperança, equilíbrio, conhecimento e outras virtudes. De teor sagrado ou profano (como em Descartes que mencionarei a seguir), não faz diferença: a interpretação é a mesma.

Mas esta dual concepção, muito difundida, não é a única a respeito do corpo, da alma e de suas relações. Muitos filósofos refletiram sobre estas questões. O corpo, a alma, a beleza, o amor, entre muitos outros, são temas filosóficos. Para a tradição grega, Sócrates e Platão, corpo e alma são duas coisas distintas e a alma é superior ao corpo. Este mesmo pensamento vale para a tradição cristã ocidental. Mesmo para o filósofo moderno, René Descartes (1596-1650), continua valendo a distinção entre corpo e mente que ele chamava de *res extensa* (o corpo, a matéria) e *res cogitans* (a mente, o pensamento) (DESCARTES, 1983).

B. Espinosa, um filósofo do século XVII (1632-1677), cuja filosofia é, por muitos, considerada de uma beleza ímpar, rompe com esta tradição. Para ele, corpo e mente não são coisas distintas; são modificações da substância (ou Deus). A mente é um modo de um atributo da substância, o pensamento, as ideias. O corpo é um modo de outro atributo da substância, a extensão. A alma não é imortal e nem existe uma superioridade dela em relação ao corpo. A mente é a potência de pensar de um corpo que tem a potência de agir (ESPINOSA, 1983a)³.

³ Ética III, Escólio da Proposição II.

Pois bem, em função dos meus propósitos, importa aqui considerar, ainda que em rápidas linhas, seu pensamento a respeito das afecções, que Espinosa expõe na sua *Ética*, especialmente na parte III, em que trata da origem e da natureza das afecções e do poder da alma sobre elas. Por afecções, ele entende:

[...] as afecções do corpo, pelas quais a potência de agir desse corpo é aumentada ou diminuída, favorecida ou entravada [...] O corpo humano pode ser afetado de numerosas maneiras pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída; e, ainda por outras que não aumentam nem diminuem a sua potência de agir (ESPINOSA, 1983a, p. 176)⁴.

Para Espinosa, “as afecções da natureza humana são as ações e paixões da alma e do corpo”.

O movimento interno do corpo e o nexos interno das ideias na alma constituem a essência do homem – essa essência se denomina *conatus*, esforço para perseverar na existência, poder para vencer os obstáculos exteriores a essa existência, poder para expandir-se e realizar-se plenamente (ESPINOSA, 1983b, p. XVII).

Ele define a essência humana pelo desejo: “O desejo é a tendência interna do *conatus* a fazer algo que conserve ou aumente sua força” (ESPINOSA, 1983b, p. XVIII). Tanto a ação quanto a paixão procuram conservar o *conatus*, a ação por meio do intelecto e a paixão, por meio da imaginação. Como a imaginação se move por bens conflitantes, o ser humano tem seu *conatus* enfraquecido e os objetos da paixão são negativos: tristeza, ódio, medo, ciúme, vingança. Porém, o mesmo objeto pode ser simultaneamente causa das paixões positivas: alegria, amor, coragem (ESPINOSA, 1983b).

Em outras palavras, escreve Gleizer (2005):

O termo afeto (*affectus*) exprime a transição (*transitio*) de um estado a outro, tanto no corpo afetado, como no corpo afetante. Essa transição pode ser benéfica ou maléfica para o corpo afetado, o que se define pelo aumento, no primeiro caso, ou diminuição, no segundo, da potência de agir do corpo [...]. Os afetos são, portanto, potência em processo de variação; ser afetado é passar a uma perfeição maior (alegria) ou menor (tristeza) do que a do estado anterior (p. 15).

Assim, afecções são o corpo sendo afetado pelo mundo, pelos outros corpos. Quando acontece um encontro e somos afetados por outros corpos, sofremos uma alteração, uma passagem em que nossa potência de sentir e de agir aumenta ou diminui. Destas afecções decorrem os afetos, uma experiência vivida. O bom encontro é aquele em que as relações aumentam nossa potência de ser e de agir no mundo – as paixões alegres. Ao contrário, num mau encontro as relações diminuem esta potência – as paixões tristes (GLEIZER, 2005).

O esforço do corpo em suas relações com o mundo visa a aumentar sua potência e ser e agir no mundo. Daí a importante função dos afetos alegres. A dança, por exemplo.

Mais perto de nós, no tempo e no espaço, um intelectual e rabino, Nilton Bonder, também escreveu sobre o corpo e a alma no livro intitulado, provocativamente, *A Alma Imoral* que, quando de seu lançamento, em 1998, fez grande sucesso. De leitura agradável, Bonder propõe uma reviravolta nas concepções clássicas e medievais no que

⁴ *Ética* III, Definição III e Postulado I.

se refere ao corpo e à alma. Considera que o corpo é acomodado, a alma é a transgressora.

Nas palavras do rabino:

Este livro é sobre essa alma. Alma que jamais representou o elemento moral e patrulhador dos bons costumes, que é, na verdade, representado pelos interesses do corpo, do verdadeiro e sagrado *establishment* – daquilo que deseja manter o que já é. Ao contrário, a alma é que representaria o elemento de nossas entranhas que nada mais faz do que trair esses interesses (BONDER, 1998, p. 15).

Entende que o ser humano é a tensão entre o corpo e a alma, entre a preservação e a transgressão. Afirma, ainda:

[...] por alma não devemos entender nenhuma outra ordem distinta do corpo. A necessidade de uma dualidade que gera o termo “alma” se encontra nessa capacidade humana de optar entre cumprir ou transgredir. A alma seria parte do corpo, sua parte transgressora (BONDER, 1998, p. 15).

Sente-se nesta afirmação de Bonder, o perfume de Espinosa. A temática será desenvolvida por todo o livro de forma clara, erudita, convincente. Não se trata de retomá-la aqui e agora, pois, teria que enveredar por outros caminhos, quando, na verdade, minha intenção é falar do encanto que sinto ao dançar tango.

Em síntese, para Bonder, o corpo é acomodado; a irrequieta é a alma. O corpo deseja a quietude, não gosta de exercitar-se. Os primitivos seres humanos que tinham necessidade de caçar para comer, o que era, de fato, muito custoso, ao saciarem a fome, ficavam em repouso tanto quanto possível para que o conforto, duramente conquistado, durasse o tempo máximo. Hoje é muito fácil comer, tudo está ao alcance das mãos e grande parte da população devora todas as porcarias processadas, tipo *fast foods*, que encontra. Enquanto isso, outra parte da população, simplesmente, não tem o que comer. Os aparelhos elétricos e eletrônicos, os controles remotos, os vários meios de transporte e de comunicação disponíveis dispensam muitos movimentos. A obesidade mórbida que atinge enorme parcela da população assusta e preocupa especialistas da saúde pública. Livros, revistas, jornais, canais de televisão e a *web* ensinam, o tempo todo a cuidar do corpo: dietas saudáveis, exercícios variados são recomendados para a prevenção de problemas somáticos e psíquicos, uma vez que as atividades físicas, além de deixarem o corpo sarado, liberam as endorfinas que dão sensação de prazer e afastam depressões. Para preservar a imagem de Bonder, que aqui tomo como metáfora, é a alma, no seu papel de transgressora, que exige sacrifícios do corpo acomodado. Ele propõe, assim, uma inversão dos papéis desempenhados pelo corpo e pela alma, para espanto de muitas pessoas, sobretudo as religiosas.

Nesta primeira parte do texto, procurei por meio de uma abordagem acadêmica, objetiva, portanto, tratar, ainda que sucintamente, de algumas concepções relativas ao corpo e à alma ou mente. Em seguida, apresento uma parte subjetiva e mesmo intersubjetiva, já que danço com outrem e que não me encontro só no mundo, em que procuro mostrar as muitas belas sensações que sinto ao dançar tango.

DOIS

A vontade de aprender a dançar tango ocorreu-me há mais de uma década. Porque exatamente tango, não sei dizer. Talvez porque o considerasse belo e difícil. A música,

as figuras, a postura, a dramaticidade me atraíam. Em São Carlos, havia um ou outro professor de dança de salão, mas de tango, nem pensar. Hoje, há. Tendo recebido o convite para ser professora do Programa de Pós-Graduação em Educação, recém-iniciado, de uma universidade paulistana e devendo permanecer alguns dias em São Paulo, tudo que, então, queria, desejos antigos despertaram e resolvi aprender a dançar tango. O ano era 2007.

À minha primeira aula, naquele início de noite, cheguei temerosa, curiosa e ansiosa. Fora tudo acertado por telefone que encontrara na *web*. Temerosa porque não sabia muito bem onde estava me metendo. Curiosa e ansiosa porque estava encantada com a possibilidade de aprender a dançar tango e de conhecer outras pessoas. Como seria este mundo?

As primeiras aulas foram muito penosas. O domínio que tinha do meu corpo era quase zero o que só percebi neste momento. Estranhei porque sempre fora desportista, fazia ginástica, jogava vôlei, andava de bicicleta. No entanto, dançar era outra coisa! Dominar o corpo, permanecer no eixo, encolher o ventre, respirar corretamente, manter o equilíbrio, flexionar ligeiramente os joelhos, manter postura elegante, leve, se deixar conduzir, não transferir o peso para o parceiro, aprender os passos, sentir a música... Era muita coisa ao mesmo tempo! Sentia dores nos pés, nos braços, na coluna, na cintura. Mas, prossegui. A vontade de dançar tango era tanta que nada me demovia.

Nos anos iniciais, mantive uma relação de amor, difícil e frustrada, com o tango. (Aliás, qual relação de amor não é assim?) Quando ia aos bailes, principalmente às milongas (milonga é o nome que se dá a um baile de tango; é também um ritmo de tango) em Buenos Aires, queria muito dançar, mas e o medo? Ter aulas com professores competentes, pacienciosos, que conduzem bem, é uma coisa. Outra é esperar, sôfrega e temerosa, por um parceiro desconhecido, nem sempre gentil, menos, ainda, paciente com iniciantes, o que é compreensível. Eu queria e não queria dançar. Era a atração e a relutância. Eram muitas as lágrimas.

Mas, não seria exatamente esta a essência do tango? O encanto e o afastamento; o desejo e o receio; o afeto e a repulsa, a atração e a fuga. É por isto, penso, que o tango mexe tanto comigo e com tanta gente. Nunca há certeza de nada: nem do próximo tango, nem do próximo passo, nem do próximo abraço, nem das próximas lágrimas. É quase sempre sofrimento e gozo de dois corpos abraçados num só movimento que se expressam em figuras, adornos, ao som da melodia, dos tempos e contratempos propostos pela música que arrebatava a alma. Como isto acontece é sempre um mistério!

Atualmente, depois de inúmeras lições, exercícios de postura, práticas, *workshops*, congressos, milongas em várias cidades e muitas dores, sei que adentrei um mundo fascinante. Por mais que me dedique, estou segura de que nunca “dominarei” essa dança e tal fato é um grande encanto, pois quando se consegue um desempenho ótimo em alguma atividade, a tendência é a perda do fascínio e, depois, do interesse. Com o tango, jamais.

A música, sempre tocante, quer consideremos as dos primórdios ou as denominadas clássicas dos anos 1940 e 1950, ou as de Astor Piazzola com suas inovações ou, ainda, mais recentemente, o tango eletrônico ou o neotango com as possíveis liberdades de movimento e saídas do eixo que fascinam, sobretudo, os dançarinos mais jovens. Os instrumentos, com destaque para o bandoneón, produzem sons belíssimos. As letras retratam questões do cotidiano, relações entre filhos e pais, entre amigos e, também, desejos, paixões e amores quase sempre frustrados, traídos e, sem dúvida, dramáticos. Muitas letras de tango descrevem a vida da jovem proveniente de bairro pobre, vestida com percal (um tecido modesto) que, seduzida pelas luzes da cidade, pelo tango, pelos tangueros, sempre acabava mal. Mas, há também letras que

mostram mulheres transgressoras, sedutoras e impiedosas que fazem sofrerem os homens. No entanto, para Alvarez-Seara (2018), no contexto do tango, considerado uma dança machista, também há espaço para resistências, renegociações e alternativas à hegemonia de estereótipos de gênero e da normatividade masculina.

A dançarina de tango veste roupas provocantes, com aberturas laterais para possibilitar arrojados movimentos das pernas, decotes ousados, cores exuberantes com destaque para o preto e o vermelho; os sapatos, salto alto, são deslumbrantes; enfeites, flores nos cabelos presos, criativas meias nas pernas. Os cavalheiros vestem ternos impecáveis, o clássico risca de giz, sapatos bicolores, flexíveis, sempre apropriados à dança. Refiro-me aqui aos tangueros profissionais. Para os dançarinos de tango de salão não costuma ser assim, apenas em grandes bailes. Porém, os sapatos além de apropriados e belos, só são usados no salão. Nenhum(a) dançarino(a) quer arruinar seu pivô devido à terra que grudou nos seus sapatos, enquanto caminhava para chegar à milonga!

Na dança, a postura é das mais belas. Deve-se desconectar o tronco do quadril, das pernas. Essas desenham o oito, para trás ou para frente, mas o tronco continua de frente para o parceiro. Permanecer no eixo, manter o equilíbrio, realizar figuras, entender e seguir a condução do cavalheiro, adornar os passos, seguir o compasso da música, seu andamento, improvisar - tantas e tão delicadas atitudes proporcionam prazer e afastam para bem longe qualquer preocupação. A leveza, a elegância, o movimento preciso e limpo, realizado com maestria, uma vez conseguidos proporcionam um estado de rara felicidade. Você dança para seu parceiro que, por sua vez, dança para você. Quando acontece [uma empatia], uma troca de energias positivas entre os parceiros, a sensação é de se estar no paraíso que ninguém perturba e que, parece, não terminará jamais. Termina em três minutos, porém deixa uma sensação duradoura. E aí acontece outra dança ou outra história de amor que durará mais três minutos e mais outra e mais outra.

É o corpo que realiza os movimentos, imbuído de uma intenção, de uma energia que vem do seu interior e, mais ainda, da alma. Dançar é um exercício corporal, mas é muito mais que isso. Se for apenas para exercitar o corpo pode-se praticar corrida, musculação, exercícios aeróbicos, alongamentos que a maioria das pessoas realiza porque é preciso, para ser saudável, [para liberar as endorfinas, porque o médico aconselhou,] sem nenhuma empolgação, menos ainda, satisfação. Dançando, realizamos tudo isso com enorme prazer. A música nos leva a outras dimensões e os gregos antigos já propunham ginástica para o corpo e música (as atividades presididas pelas musas) para a alma. É o ritmo, o compasso, o andamento, o encantamento. Só o abraço [ah! o abraço...] dos parceiros dançantes provoca sensações inefáveis, mas tem mais: a condução, a técnica, os passos, as figuras, o improviso, [os enfeites,] a graça, a elegância. Tento, mas não consigo transmitir com palavras, tudo o que sinto - de corpo e alma - quando danço. É assim como solicitar a um artista plástico que explique (com palavras) o que ele quis dizer com suas telas. As linguagens são diferentes e a dele é a das formas e cores. Ou é como pedir a um poeta que resuma seu poema. Impossível.

Como educadora e cidadã, lastimo que, nas últimas décadas, [principalmente hoje, no Brasil,] a música, as artes, as humanidades [sejam relegadas ou banidas das] escolas de ensino fundamental e médio em prol de um tecnicismo, [muitas vezes,] duvidoso. [Até mesmo o Ministério da Cultura foi extinto!].

No mundo complexo, conturbado e desgovernado em que vivemos, dançar é uma atividade que faz sentido, na dupla acepção dessa palavra: tem significado e direção. Convenhamos: [não são muitas as] atividades que realizamos a possuírem tais virtudes. A dança é fruição, é movimento, é música, é encontro com pessoas que sentem o mesmo prazer. Costumo dizer

que quando danço, o que faço com frequência [agora, na pandemia, só *on-line*], fico em estado de graça: o mundo em vez de hostil e conturbado me parece acolhedor e harmonioso (frase inspirada em Luc Ferry, 2010) (BUFFA, 2011, p. 117-118).

No entanto, nem tudo são flores, principalmente quando se vai a um baile com muita vontade de dançar e parceiros, quase não há. Não só no Brasil. Já fui a milongas em várias cidades de diversos países e pude constatar que a falta de homens nos salões de baile é mundial. Pior para mim que sou mulher, tenho 1,78 cm. de altura (sem salto) e gosto de dançar com homens.

Finalizando, retomo Espinosa para quem os afetos, como já mencionei, o amor romântico, sem dúvida, mas não só este, são fruto das paixões alegres – desejo sexual, generosidade, cuidado, atenção, solidariedade. Desejo que meus afetos sejam sempre fruto de paixões alegres, pois, assim, aumentarei minha potência de ser e de agir no mundo, saberei ser agradecida e terei forças para buscar novas alegrias. As paixões tristes – medo, insegurança, solidão, preguiça – tiram-me do eixo e caio. Levantar é possível, mas sempre custoso.

Tentei traduzir o que sinto quando danço numa poesia que escrevi há algum tempo:

Belo. Difícil.
Sério. Sofisticado.
Sensual.
O eixo. Equilíbrio
no fio da navalha.
O caminhar justo. Preciso.
O oito para trás.
Corte brusco. Profundo.
Por vezes dói
e sangra.
Traição.
Alegria. O giro perfeito
é de perder a cabeça.
Um deslize.
Um passo em falso pode ser fatal.
O recomeço.
O compasso.
Pivô.
Pés que acariciam o solo.
O peso na perna certa.
A outra pronta para sair em qualquer direção:
para trás, para frente, para o lado.
Sem pressa. Sem ansiedade.
Respiração suspensa.
Encenação.
Titubeio.
Volteios. Boleios. Gancho.
Firulas. Explosão.
Leveza.
Rito. Ritual. Ronda.
Paixão.
Braço firme.
Pernas que se entrelaçam.
Corpos que se tocam.
Olho no olho.
Sons de cortar o coração.
Ou de enternecer.

Tempo e contratempo.
Sedução.
(BUFFA, 2010).

REFERÊNCIAS

- ALVAREZ-SEARA, J. M. Tangos y sambas (in)apropiados: ocio de resistencia. **Motricidades**: Revista da SPQMH., São Carlos, v. 2, n. 3, p. 190-200, 2018.
- BONDER, N. **A alma imoral**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998
- BUFFA, E. Quando danço o mundo me parece acolhedor e harmonioso. **Dialogia**, São Paulo, n. 14, p. 113-118, 2011.
- BUFFA, E. **Feira da sucata e da barganha**. Poesias. São Paulo: Casa Impressora de Almería, 2010.
- DESCARTES, R. **Meditações**. Coleção “Os Pensadores”. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- ESPINOSA, B. **Ética**. Coleção “Os Pensadores”. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983a.
- ESPINOSA, B. **Vida e obra**. Coleção “Os Pensadores”. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983b.
- FERRY, L. **Aprender a viver**: filosofia para os novos tempos. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.
- GLEIZER, M. A. **Espinosa e a afetividade humana**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- ROTTERDAM, E. **A civilidade pueril**. Porto: Estampa, 1978.

Recebido em: 23 jun. 2020.

Aprovado em: 21 ago. 2020.